

## DOS MÚLTIPLOS OLHARES DAS EXPERIÊNCIAS E VIVÊNCIAS DA(S) MULHER(ES): UMA ANÁLISE DAS ESCOLHAS PROFISSIONAIS

### FROM THE MULTIPLE VIEWS OF THE EXPERIENCES AND LIVES OF WOMEN(S): AN ANALYSIS OF PROFESSIONAL CHOICES

Recebido em: 18/01/2024

Reenviado em: 25/07/2024

Aceito em: 06/09/2024

Publicado em: 14/10/2024

Úrsula Tostes da Silva<sup>1</sup> 

Universidade Estadual do Paraná

Marcos Clair Bovo<sup>2</sup> 

Universidade Estadual do Paraná

**Resumo:** As transformações sociais, culturais e econômicas fazem parte do desenvolvimento de toda sociedade, e tais modificações são rupturas com o passado. Diante disso, os processos de industrialização advindos da Revolução Industrial deram novos rumos às sociedades, principalmente as que estavam emergindo com a burguesia. Com isso, a vida das mulheres também começava a se modificar, afetando tanto as mulheres “reais”, as da elite, quanto as do proletariado, como também as mulheres idealizadas na literatura, como é o caso do romance “Um Lugar ao Sol” (1963), do escritor gaúcho Erico Verissimo. Considerando esse contexto, o artigo objetiva analisar as diferentes experiências e vivências das mulheres na sociedade brasileira contemporânea e das personagens retratadas no romance “Um Lugar ao Sol”. O aporte metodológico foi constituído de pesquisa qualitativa, bibliográfica e entrevista semiestruturada com doze mulheres de três estados brasileiros: Espírito Santo, Paraná e Minas Gerais, sendo que a maioria delas exerce a docência, e algumas exercem outras profissões, mas todas concebem a relevância de que o trabalho é um dos caminhos para a emancipação da mulher.

**Palavras-chave:** Experiências; Mulher; Trabalho.

**Abstract:** Social, cultural, and economic transformations are part of the development of every society, and such changes are ruptures from the past. Given this, the industrialization processes that emerged as a result of the Industrial Revolution gave new directions to societies, especially the ones that originated with the bourgeoisie. That being said, women's lives also began to change, and this affected the “real” women, the ones from the elite, as well as working class women, compared to those immortalized in the literature, such as characters from the novel “Um Lugar ao Sol” (1963), by the Brazilian writer Érico Veríssimo. Taking that into consideration, this paper aims to analyze the experiences and perceptions of women that live in Brazilian contemporary society compared to those featured in the novel “Um Lugar ao Sol”. The methodological approach consists of qualitative research, literature review, and semi-structured interview done with a group of 12 women from three Brazilian states: Espírito Santo, Paraná, and Minas Gerais. Most of these participants are teachers, although some of them are from different professions, but all of them understand the importance of work as one of the paths to women's emancipation.

**Keyword:** Experiences; Woman; Work.

<sup>1</sup> Mestra pelo Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná-campus Campo Mourão. E-mail: ursulamesmo@yahoo.com

<sup>2</sup> Professor e coordenador do Programa de Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Desenvolvimento da Universidade Estadual do Paraná – campus Campo Mourão. E-mail: mcbovo69@gmail.com

## INTRODUÇÃO

Experiências, vivências, escolhas profissionais e atuação no campo profissional são algumas definições aqui utilizadas e que muito auxiliam na construção deste artigo, fruto de minha dissertação de mestrado intitulada “Um Lugar ao Sol de Érico Verissimo: múltiplos olhares sobre as experiências e vivências das mulheres em diferentes tempos”

As experiências, as vivências, atuação profissional e as escolhas profissionais não estão presentes somente na vida cotidiana: elas também fazem parte do mundo retratado pela literatura, dado que as histórias contadas na ficção refletem em grande medida aspectos da realidade, ainda que não sejam cópias fiéis delas.

Logo, quando falamos no romance “Um Lugar ao Sol” de Erico Verissimo, reportamo-nos à história de Clarissa, professora formada e jovem, que morava em Jacareacanga, uma cidade do interior do Rio Grande do Sul. Professora da escola elementar da cidade, Clarissa sustenta a sua família que, assim como tantas famílias abastadas daquela época, estavam na ruína. Com o seu ordenado de professora, Clarissa custeava as despesas da casa, situação que manteve-se até o repentino assassinato de seu pai. Após tal acontecimento, Clarissa deixa sua cidade natal junto de sua mãe e seu primo Vasco, recomeçando uma nova vida na capital Porto Alegre. Lá conhece e torna-se amiga de Fernanda, que além de sua vizinha, também é professora. “Um Lugar ao Sol”, como o próprio título sugere, é a busca que Clarissa, Fernanda e tantas outras mulheres almejam para si. Portanto, o objetivo deste artigo é analisar as diferentes experiências e vivências das mulheres na sociedade e também das mulheres idealizadas no romance “Um Lugar ao Sol” relacionadas às escolhas profissionais e a sua atuação no campo do trabalho.

Além desta introdução e das considerações finais, o texto estrutura-se em três tópicos. O primeiro trata dos procedimentos metodológicos da pesquisa. No segundo tópico, intitulado “Das transformações sociais, econômicas e culturais vivenciada pelas mulheres: diferentes olhares”, é apresentado um panorama das principais conquistas das mulheres no que tange aos aspectos sociais, culturais e econômicos ao longo dos últimos séculos, levando-as a alcançar diferentes “lugares ao sol”. Por fim, no terceiro tópico, são discutidos os resultados da pesquisa empírica, na qual as mulheres entrevistadas compartilham suas experiências e vivências relacionadas às suas escolhas profissionais, bem como as atuações nas suas respectivas áreas de trabalho.



## PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Para chegar até as entrevistas, foram trilhados três caminhos distintos: o primeiro foi por meio de indicação de professores/as, o segundo foi pela indicação de colegas de curso e o terceiro e último foi por meio de laços afetivos. As participantes das pesquisas têm sua origem em três estados brasileiros, Minas Gerais, Espírito Santo e Paraná. De modo a preservar a identidade das entrevistadas, foram atribuídos nomes fictícios de personagens femininas presentes nas obras de Erico Verissimo, Machado de Assis, Maria José Dupré e José Saramago. Os nomes adotados para designar cada integrante da pesquisa foram escolhidos a partir de traços de personalidade em comum entre as entrevistadas e as respectivas personagens literárias. Optamos, portanto, por entrevistar mulheres com perfil semelhante ao de Clarissa, mulher idealizada por Erico Verissimo em seu romance “Um Lugar ao Sol”.

O aporte metodológico aqui empregado consiste em entrevistas realizadas com 12 mulheres de diferentes faixas etárias, classes sociais e níveis de escolaridade. Para tanto, o roteiro da entrevista foi composto por sete questões semiestruturadas, considerando fatores como: profissão, etnia, família, papéis desempenhados em casa e fora dela, nível de escolaridade, dentre outros. Destaca-se, ainda, que em razão da pandemia de Covid-19, as entrevistas ocorreram via *Google Meet* no período entre agosto e dezembro de 2020, sendo que todas as entrevistas foram previamente agendadas com as participantes.

## DAS TRANSFORMAÇÕES SOCIAIS, ECONÔMICAS E CULTURAIS VIVENCIADAS PELAS MULHERES: DIFERENTES OLHARES

A história das mulheres não é só delas, é também aquela da família, da criança, do trabalho, da mídia, da literatura. É a história de seu corpo, da sua sexualidade, da violência que sofrem e que praticam, da sua loucura, dos seus amores e dos sentimentos [...]. Teria então chegado o tempo de lermos, sobre elas sem tantos a priori? (DEL PRIORI, 2004, p. 7-8).

Para falar das mulheres, sejam elas idealizadas ou reais, é necessário compreender a diferença entre elas, pois para entendermos as primeiras, precisamos das segundas, dado que a ficção carrega consigo traços da realidade. E para melhor alcançar esse objetivo é preciso investigar e compreender os caminhos percorridos que unem ambas as partes, por isso recorre-se à cronologia histórica para compor este tópico.

Ao introduzir o contexto histórico em que as mulheres foram retratadas nas sociedades ocidentais, consideramos a representação feminina na Idade Antiga e Média a partir do



pensamento de Silva (2014):

[...] a representação do feminino na Idade Média consiste na inferioridade e submissão, desde os discursos proferidos pelos filósofos da antiguidade clássica. A representação do feminino diante o contexto social durante a Idade Média, consiste de heranças que retratam a inferioridade e submissão, tendo em vista que as mulheres se encontravam à beira da sociedade e sua contribuição era apenas de auxiliar aos homens, cuidar dos filhos e da família. Na Idade Média, a instituição católica apenas oficializou essas teorias, com o objetivo de estabelecer o seu poder na sociedade, principalmente sobre o feminino (SILVA, 2014, p. 12).

A despeito da visão apresentada por Silva (2014) sobre as mulheres durante o período medieval, observamos situações no romance “Um Lugar ao Sol” (1963) que demonstram não apenas a subserviência e a inferioridade femininas, como demonstram também o auxílio em tarefas. Tais aspectos em comum são percebidos em trechos nos quais a mãe de Clarissa, personagem do romance, demonstra apenas obedecer às ordens, como aponta o seguinte fragmento: “Clemência, quero um banho” (VERISSIMO, 1963, p. 19). Outro momento em que fica nítido o imaginário e as expectativas acerca da posição ocupada pela mulher na sociedade, é visto no trecho que mostra o que o pai de Clarissa espera das mulheres: “Ele sonhava com uma boa dona de casa. Imaginava-a com aquelas belas mãos a encher linguça [...]. Reconhecia nela também a fêmea forte e apetitosa. Desejava-a” (VERISSIMO, 1963, p. 22).

Cada período histórico, independente qual tempo seja, passa por transformações econômicas, culturais e sociais. E com o status jurídico e social das mulheres também não é diferente, já que a noção de mulher é reconstruída de acordo com os valores e modelos socioculturais vigentes. Embora entendamos que as transformações não são vistas apenas nos corpos e na maneira esperada de como as mulheres devem se comportar, elas são observadas também por meio das construções sociais, que simbolicamente são produzidas por meio dos discursos, sejam visuais (pintura, fotografia) ou pelo discurso escrito em forma de romances e de poesias.

O fato é que durante muito tempo as mulheres foram silenciadas, de modo mais relevante em assuntos relacionados à política ou à sexualidade. Para melhor compreendermos os silêncios impostos às mulheres, é preciso reputar que por muito tempo elas foram consideradas seres intelectualmente incapazes e, por isso, não podiam participar da vida pública, ficando restritas à vida privada, o lar, os filhos e o marido. Esse modo de pensar destacava o papel desempenhado pelas mulheres, reforçando as relações de dominação



existentes e deixando claro qual era o lugar que elas ocupavam dentro da sociedade.

O advento da industrialização promoveu uma série de avanços em diversos aspectos da sociedade, na cultura e na economia. Essas mudanças estavam associadas às ideias vanguardistas oriundas da Europa, que influenciavam também as transformações relativas ao comportamento. Nessa época as mulheres já podiam sair de casa desacompanhadas dos pais, irmãos ou maridos – contexto no qual as mulheres começavam a entrar no mercado de trabalho. De acordo com Kantorski (2011), foi a partir da Revolução Industrial que a condição das mulheres e demais classes desfavorecidas começou a se modificar, com o aumento da participação política e progressiva conquista de direitos na sociedade.

Todas essas mudanças trouxeram uma série de implicações nos mais diferentes níveis sociais, incluindo as mulheres das classes mais abastadas, passando pelas mulheres das camadas mais pobres. Todavia, torna-se claro que ao começar a existir uma abertura, ainda que reduzida para as mulheres, independente da classe a que pertenciam era ainda pequena a quantidade de mulheres trabalhando no meio público até meados do século XX.

Porém, se for considerada a perspectiva do feminismo burguês/liberal, de fato as mulheres brancas da elite e classe média mantinham-se em uma posição restrita à esfera privada. No entanto, é necessário considerar a perspectiva feminista interseccional sobre a História, já que as mulheres negras, pobres e de minorias étnicas sempre trabalharam e ocuparam os espaços públicos, tornando evidente que as diferentes opressões que as atravessam, as atingem em níveis e formas distintas, conforme pontua Akotirene (2019).

Aliada às transformações socioculturais e econômicas, as mulheres iniciaram a luta por seus direitos, pela liberdade e pelo fim de sua submissão ao patriarcado. Contudo, por mais que muitas delas tenham obtido acesso ao conhecimento intelectual, ainda existem mulheres buscando o reconhecimento nas mais diferentes carreiras. Foi o conhecimento que deu à boa parte das mulheres o acesso à liberdade, e associado a ele está o fato de as mulheres se mostrarem capazes de pensar e de agir. A luta pela autonomia, independência e reconhecimento enquanto indivíduos foram algumas das bandeiras levantadas pelo feminismo do século XX, e progressivamente as mulheres passaram de donas de casa, boas mães e esposas a trabalhadoras e chefes de família.

Por mais que a mulher desempenhasse papéis fora do espaço privado, suas funções no mercado de trabalho ainda ficavam restritas a poucas áreas de atuação, geralmente ocupando-se em ofícios como operárias de fábricas, professoras ou trabalhavam nas repartições



públicas. Segundo Guacira Lopes Louro (2004, p. 379), foi o magistério que inseriu as mulheres nos espaços públicos, pois era um trabalho que as possibilitava manter a execução de suas “obrigações domésticas”. Além disso, por mais que fosse considerada uma “ocupação transitória”, ser professora era a concepção de trabalho fora de casa, também podendo contribuir para sua independência caso fosse abandonada após o casamento. É indiscutível a relevância histórica e o impacto exercido pelo magistério para que as mulheres tivessem uma profissão.

À luz das transformações que aconteciam em fins do século XIX no Brasil, estava a consolidação do capitalismo, que trouxe consigo o início da vida urbana e, conseqüentemente, novas possibilidades de vida social. E justamente com a ascensão do capitalismo que emerge junto com a burguesia transformações no pensamento e tecido social, como novas formas de organização familiar, mas também das vivências familiares, dos afazeres domésticos, designando um ideário distinto para as mulheres e as atividades que desempenhavam dentro de casa.

De acordo com D’Incão (2004, p. 190), essas transformações na esfera privada foram vistas principalmente nas residências das famílias mais abastadas, que abriam os salões e salas de jantar para os amigos e parentes. Ocorreu nesse espaço, a “interiorização da vida doméstica”, fato acontecido justamente com a abertura das salas de visita e salões que, por sua vez, tinham por objetivo ampliar a intimidade e, nesses lugares, as mulheres eram submetidas “a avaliações e opinião dos outros”. Nessa mesma época, as mulheres da elite começaram a frequentar “bailes”, “cafés”, “teatros”, elas agora possuíam alguma liberdade, porém não eram apenas os pais, irmãos e maridos que sob o olhar atento as vigiavam: as pessoas de fora da esfera familiar também exerciam esse controle sobre o feminino. Diante de olhares vigilantes da sociedade, as mulheres tiveram que aprender a se conter e a se comportar.

De forma semelhante, Margareth Rago (1985, p. 62) aponta que a mulher dos últimos decênios do século XIX como “frágil”, “abnegada” e “vigilante”, qualidades dadas a elas, e quando houve a mudança no comportamento das sociedades, em um primeiro momento, as regras de comportamento e etiqueta ficaram restritas às mulheres oriundas das famílias mais ricas. Posteriormente e de maneira progressiva, essas regras e comportamentos foram disseminados às classes trabalhadoras, em que havia a exaltação das denominadas virtudes burguesas da laboriosidade, da castidade e do esforço individual.

Independente da classe social, as mulheres enfrentaram caminhos nada suaves diante

das exigências desse período de transformação das cidades, no que se refere à urbanização, ao desenvolvimento comercial e também industrial que começava a tomar conta dos grandes centros do país. Eram muitas inovações e transformações ocorrendo simultaneamente, e essas mulheres, de alguma forma, começaram a ser necessárias nos locais públicos, nos acontecimentos sociais e também como trabalhadoras. Tais acontecimentos se intensificaram durante as guerras mundiais com os homens na frente de batalha, as mulheres foram recrutadas a trabalhar na maioria massiva dos postos anteriormente ocupados pelos homens.

Uma das maneiras de ascender socialmente para manter o status social da família era por meio do casamento, que normalmente ocorria entre membros de famílias ricas e burguesas. E ao se casarem, as mulheres automaticamente deveriam assumir sua nova função de contribuir para a manutenção do projeto familiar de mobilidade social. Tal compromisso ia além de serem boas esposas e boas anfitriãs, pois era preciso mais do que fazer um casamento bem sucedido, era necessário fazê-lo parecer harmonioso e feliz perante a sociedade. Nesse aspecto, os homens ficavam dependentes dessas funções exclusivamente femininas, pois também era necessário para o homem da época passar uma boa imagem como chefe e provedor dessa família. Indo em sentido contrário a esse roteiro tradicional, temos Clarissa, que em “Um Lugar ao Sol” aparece como provedora do lar, sustentando financeiramente a família com seu salário de professora antes e após a morte do pai.

Tal contexto aponta para a discussão proposta por Pierre Bourdieu (2012, p. 9) acerca dos papéis e expectativas sociais esperadas de homens e mulheres em uma sociedade. O referido autor assevera ser a dominação masculina imposta e legitimada, o que dispensa justificativas e discursos. Consequentemente, há uma “ordem social” que endossa a dominação masculina, dado que é a partir da “divisão social do trabalho que se distribui de forma bem específica aos dois eixos”. Os eixos aos quais Bourdieu (2012, p. 41) se refere estão diretamente ligados à divisão social, sendo que é sob essa divisão que as distinções anatômicas entre o feminino e o masculino são construídas.

Assim, tem-se a fundamentação da referida divisão social que enseja como consequência outro fenômeno, definido por Bourdieu (2012) como “relações sociais de divisão e exploração” inseridas entre os gêneros. Esse fenômeno fica evidente no romance “Música ao Longe” (1994), justamente pelo posicionamento do pai de Clarissa a respeito do seu papel de homem, provedor e rio-grandense. É possível observar essa divisão no seguinte fragmento escrito por Verissimo (1994):



- Mas tu precisa trabalhar...- arrisca Dona Clemência. - As contas vivem na porta e não se tem dinheiro.

- As contas? – repete.

A raiva embargou-lhe a voz. Clemência não deveria tocar nas contas. As contas realmente não existem. O que existe é a honra. É a tradição dos Albuquerque. O cavalheirismo dos Albuquerque. A coragem dos Albuquerque. E a obrigação do povo de Jacareacanga de sustentar a todo o custo os Albuquerque [...] João de Deus está indignado. A sua raiva cresce sobre a mulher, que já está arrependida de ter falado (VERISSIMO, 1994, p. 131).

No trecho acima estão presentes duas situações. A primeira é o fato de a família de Clarissa ser uma família tradicional do interior do Rio Grande do Sul, a qual se encontra em processo de falência. Aqui, “os Albuquerque” já haviam perdido tudo o que tinham, mas não a honra do homem, a tradição familiar, deixando claro que não apenas aqueles que viviam na casa como os demais habitantes da cidade deveriam sustentá-los. O segundo ponto está justamente atrelado à proposta de Bourdieu (2012, p. 17), quando ele discorre sobre a divisão entre os sexos, deixando explícito que tal divisão está diretamente ligada à “ordem das coisas”, pois considera-se que a divisão está “presente”, “incorporada” “como se fosse uma incorporação tanto nos ‘corpos’ e ‘*habitus*’ das pessoas” (BOURDIEU, 2012, p. 17).

Assim sendo, o posicionamento de João de Deus deixa evidente as “estruturas cognitivas” pontuada por Bourdieu (2012) na qual apresenta uma “existência da subordinação do ser” quando Dona Clemência se diz arrependida ao falar a respeito das contas a serem pagas, pois este assunto era proibido em casa quanto das “formas do conhecer” por estarem ligadas a ela e ao restante da família que mesmo falida, destaca que o poder de decisão é de João de Deus independente de suas condições financeiras.

Desta forma, as condições sociais de João de Deus estão relacionadas a duas situações “a existência da conformidade” e as “formas de conhecer”. Tais situações estão relacionadas a possibilidade de assimilar o mundo social, as experiências e as divisões arbitrárias conforme pontua Bourdieu (2012, p. 17).

Destarte Bourdieu (2012, p. 17) define esta “divisão socialmente construída” que ocorre entre os sexos como uma cisão tornando assim um processo de naturalização que valida esta divisão. Para o sociólogo não é possível a identificação de “mecanismos profundos” com a concordância entre as estruturas cognitivas e sociais que conseqüentemente mantém a ordem social em funcionamento, pois essa é tida como uma máquina simbólica que se destina a legitimar a dominação masculina, a qual é fundamentada na divisão social do trabalho que limita a distribuição das funções entre os dois sexos.

Para que a divisão social apresentada por Bourdieu (2012) faça sentido e nos dê ferramentas para compreender como e porque se dá a diferença entre os sexos, também entendemos ainda que o homem tenha a imagem do provedor da família, a autoridade máxima da casa, havia a constante dependência dessa imagem, sendo que ela deveria ser passada para as mulheres, as responsáveis por transmitir a boa imagem da família e do próprio homem para as pessoas que faziam parte de um semelhante círculo social.

Apesar de ser um primeiro momento em que a educação das mulheres estivesse voltada para a vida doméstica, o acesso à escrita e à leitura interferiram de maneira direta na transformação da condição de vida feminina porque ao mesmo tempo em que a escrita deu à mulher possibilidade de confrontar o *status quo* – dado que não era mais possível evitar que elas aprendessem a ler e escrever – ao menos seria possível, como nos indica Michelle Perrot (1998, p. 271) isolá-las em modos de escrita privada (a correspondência familiar, por exemplo) e formas públicas (obras de educação).

Nesse sentido, percebemos que ao estarem voltadas para suas atividades ditas “naturais, exercendo a função de mãe, esposa, dona de casa”, fica nítido o papel da educação na socialização feminina, mas essa educação, assevera Perrot (1998, p. 217), deve estar voltada exclusivamente para o setor privado, para as “questões familiares”, “maternais” e também aos preceitos religiosos. É notória a participação e a intervenção da Igreja na educação da mulher, pois a “instituição propriamente dita” ocupou, diga-se por bastante tempo, “um lugar menor ao lado das práticas domésticas”, “caritativas” e “morais”. Portanto, os vínculos entre as mulheres e a religião são “antigos”, “poderosos” e “ambivalentes”. Ainda que essa associação fosse opressora, limitadora e poderosa, havia uma ligação externa entre as mulheres e a Igreja.

Dentro do panorama de transformações do século XIX e a transição deste para o século XX, constatamos mudanças no que diz respeito à vida da mulher, tendo agora a casa como um lugar privilegiado, mas paradoxalmente, embora a casa seja um domínio eminentemente feminino, *a casa não pertence à mulher*. Quem muito bem retrata este fato é a escritora Virgínia Woolf na obra “Um teto todo seu” em que ela fala sobre o lugar da mulher na sociedade, bem como da casa que não é dela. Isso quer dizer que naquela época, o fato de a mulher ser “dona” de casa, não necessariamente estava atrelado ao seu poder em ocupar aquele espaço como genuinamente seu ou que ela tivesse um lugar de pertença.

No limiar das transições da segunda metade do século XIX e os primeiros 30 anos do

século XX, a educação feminina foi uma das maiores conquistas do movimento feminista, dado que era uma das grandes reivindicações para o movimento. Em um primeiro momento, a educação era destinada para as mulheres das classes abastadas, com objetivo de educá-las para a gestão do lar; e em um segundo momento, a educação feminina abrangeu as classes mais pobres, tendo como foco o trabalho. Mesmo existindo essas diferenças educacionais entre as classes sociais, não se pode negar que a educação feminina foi um aspecto muito relevante para a modernização do país.

No entanto, foi na virada do século XX, mais precisamente com as ideias anarquistas que as questões relativas à educação feminina ganharam força, pois o ensino passou a ser visto como instrução, como “uma arma privilegiada” de libertação para a mulher. Além da imprensa, dos encontros que à noite reuniam mulheres e homens em prolongadas discussões – entre outros temas – que tratavam da educação e da participação feminina no movimento operário e na sociedade, evidenciando a ênfase das escolas libertárias com a instrução das meninas (LOURO, 2004, p. 373).

De acordo com Louro (2004, p. 375), a falta de professoras e professores causava preocupação no país, tendo em vista a necessidade de alfabetizar a população. Dessa forma, nos fins do século XIX, algumas medidas foram tomadas, levando para algumas cidades do país escolas normais para que fossem formados os primeiros docentes. Com a abertura das primeiras escolas de formação docente, abriram-se vagas para homens e mulheres, todavia as classes e até as aulas deveriam ocorrer em horários e até em prédios separados. Vale lembrar que os primeiros a exercerem a atividade de docência foram os homens, mas com o passar do tempo, as mulheres tornaram-se necessárias nas salas de aula, pois as classes de meninas deveriam ser regidas por “senhoras honestas”.

O século XX chegou trazendo para a vida moderna novos rumos de pensamento, não obstante muita coisa não houvesse mudado. Ao ganhar mais espaço na vida pública, o estilo de vida das mulheres e o seu comportamento não escapou às críticas, principalmente aquelas que buscavam seus direitos e que lutavam em prol das causas feministas, sendo vistas pejorativamente como “mulheres-homens”. Colocações como essas e tantas outras tiveram enorme divulgação, objetivando impedir a luta feminista. Nesse primeiro momento havia o intuito de lutar pela conquista de direitos políticos, além da defesa do trabalho feminino e pela evolução intelectual da mulher (COSTA, 2011).

Conforme argumenta Ana Alice Alcântara Costa (2011, p. 26), de um lado estavam as

mulheres que lutavam por uma “emancipação coletiva” e “uma maior participação na sociedade”; e do outro lado estavam os representantes do Estado, das classes dominantes e da Igreja Católica. É nesse contexto que Perrot (1998, p. 11) determina que “as mulheres acabam sendo mais imaginadas do que contadas ou descritas, logo seria inevitável não entrar em conflito com os grupos contrários”. Por isso, Costa (2011, p. 27) destaca que as

[...] mudanças de hábitos das mulheres são consideradas uma ameaça às tradições familiares que redefiniam os papéis sociais e retiravam a mulher do seu verdadeiro papel social porque se voltavam para questões consideradas masculinizantes, consequência da má formação feminina nesses novos tempos.

Diante das considerações acerca da evolução da história das mulheres ocorrida em fins do século XIX e nos primeiros decênios do século XX, é necessário compreender como e porque os movimentos feministas e as questões relacionadas ao gênero afirmaram as primeiras ações para se entender como viviam as mulheres da década de 1930. Se as lutas pela liberdade, pela emancipação e por mais voz na sociedade eram pautas consideradas coisas de “mulher-homem”; de que forma os movimentos a favor desses direitos são relevantes para compreender a vida das mulheres durante o terceiro decênio do século XX?

Antes de tudo, é preciso estabelecer significados. E o que significaria feminismo, qual seria sua origem etimológica? Saber a origem das palavras, muitas vezes, faz-nos compreender o quão importantes são as lutas para o desenvolvimento e avanço de uma sociedade. De acordo com Silva e Camurça (2013), a palavra “feminismo” tem sua origem na língua francesa e deriva da palavra *femme* que em francês significa mulher. Portanto, o feminismo pode ser compreendido como tudo o que diz respeito às mulheres.

Dessa forma, “[...] o feminismo pode ser compreendido como teoria crítica, que tem a função de não só avaliar a condição das mulheres, mas também o mundo, sendo, portanto, um movimento social que luta por transformação e atitude pessoal diante da vida” (SILVA; CAMURÇA, 2013, p. 11). Para as autoras, essa é “uma linha de pensamento” na qual “o feminismo visa explorar a situação das mulheres, além de elaborar de maneira contínua e crítica a denúncia das injustiças da sociedade patriarcal, sendo uma teoria aberta e em constante construção”. Destarte, o feminismo também pode ser definido a partir de sua organização já que envolve a “movimentação das mulheres na sociedade” por meio da luta pelos direitos, pela igualdade.

Tal percurso histórico atesta que as lutas e as conquistas das mulheres por meio do feminismo são permanentes, e a Literatura não poderia se eximir dessas lutas femininas, pois ao compararmos a ficção com a realidade, compreendemos que é por meio das manifestações voltadas para a figura feminina que a mulher foi representada nas mais diferentes épocas e das mais variadas formas. É importante destacar que essas disputas pelos direitos das mulheres seguem vivas e cada vez mais necessárias nas primeiras décadas do século XXI, visto que a igualdade e a conquista de “um lugar ao sol” ainda permanecem uma utopia a ser alcançada pelas mulheres na maioria das sociedades modernas. Simone de Beauvoir (1949) já alertava em sua época: “Basta uma crise política, econômica ou religiosa para que os direitos das mulheres sejam questionados”. E de fato, tal enunciado segue mais atual do que nunca.

## ANÁLISE DOS RESULTADOS

Clarissa risca com o giz o quadro negro a paisagem que os alunos devem copiar. Uma casinha de porta e janela, em cima de uma coxilha [...]. Clarissa recua um pouco para olhar. O zuzum das conversas abafadas aumenta e diminui, como a música dum órgão [...]. – Quietos! – exclama a professora, voltando a cabeça para os alunos [...] (VERISSIMO, 1994, p. 9).

Sobre as experiências e vivências a partir das escolhas da profissão até os desafios enfrentados pelas mulheres, podemos observar as impressões de Clarissa sobre ser professora e como desempenha seu papel em sala de aula. Os múltiplos olhares que se têm sobre as profissões, a escolha da mesma e a inserção das mulheres no mercado de trabalho levam a refletir sobre a relevância que o trabalho possui na vida das mulheres tanto da ficção, quanto na vida de nossas entrevistadas.

No que diz respeito ao trabalho, as experiências e vivências das participantes denotam a importância do exercício de um ofício para que uma sociedade se desenvolva. A perspectiva da emancipação das mulheres e com ela novas possibilidades de ocupar espaços até então restritos aos homens, deve necessariamente estar associada a um recorte de raça e classe, pois as oportunidades de acesso a bens e direitos são distribuídos de forma desigual a depender dos marcadores sociais da diferença que determinado indivíduo carrega.

Essa distribuição desigual de direitos e oportunidades é evidenciada tanto na ficção, quanto na vivência de mulheres comuns, cidadãs do Brasil contemporâneo. No romance de Erico Veríssimo, a personagem Clarissa (branca e de família tradicional, ainda que em

situação de decadência financeira) consegue sair de Jacarecanga para estudar em Porto Alegre. Já sua amiga de infância Conca, uma jovem negra e moradora de um bairro extremamente pobre da cidade, continua em seu local de origem, exercendo a maternidade com dois filhos. Aqui a diferença de cor e classe que as separa exerce impactos distintos no destino dessas duas personagens, fato que também se observa de forma dramática quando se considera o peso do preconceito na ausência de oportunidades e os lugares de subalternidade que ainda são atribuídos a mulheres negras e demais minorias na sociedade brasileira.

Ao tratarmos dessas múltiplas experiências e vivências das participantes, reafirma-se que o trabalho está associado ao conhecimento e à educação, junção responsável por dar à personagem Clarissa de “Um Lugar ao Sol” não apenas a possibilidade de ocupar outro lugar dentro da sociedade na qual vive, como também a oportunidade de ser autossuficiente financeiramente. Nesse sentido, a maioria das participantes percorrem caminho semelhante ao de Clarissa, pois passam tanto a desempenhar novos papéis, como também ocupam lugares nos espaços públicos que antes eram destinados apenas aos homens.

Apesar de algumas semelhanças existentes entre as mulheres desse grupo, é possível constatar uma variação na trajetória de vida, pois algumas escolheram a profissão que naquele momento era a mais viável; outras gostariam de ter seguido uma carreira diferente, mas tinham a docência como uma segunda opção; enquanto uma delas tornou-se docente por descobrir que a sua escolha profissional não era o que esperava. A afinidade (ou a inexistência dela) de já existir na família pessoas que exerciam a profissão, também surge como um elemento que exerce influência na escolha profissional dessas mulheres. Nesse sentido, afirma a entrevistada Alice:

não, eu não sofri influência de ninguém, muito pelo contrário, eu vim de uma família humilde, foi bem difícil ingressar numa faculdade, numa academia, num centro acadêmico. E foi uma coisa muito doida, porque eu sou filha de costureira e de caminhoneiro (Alice, 36 anos, professora, Linares/ES).

Independente de suas motivações, todas elas compreendem que ter uma profissão, um trabalho é necessário para que se tenha autonomia e independência. É importante destacar que existem muitas mulheres semelhantes à Alice, filhas de famílias humildes que não possuem recursos financeiros para ajudar nos estudos dos filhos (as), situação que faz com que muitos pais vejam o ensino superior como um sonho quase impossível de realizar. Era dessa forma que o pai de Alice encarava a realidade: “Meu pai não acreditava, não que ele duvidasse de

mim, mas ele sempre achou muito difícil. Dizia: ‘Minha filha, faculdade é coisa para rico. Só faz faculdade quem tem dinheiro’. E aí eu fui trabalhar fora, mas é o que eu quero, eles sempre me apoiaram”.

Apesar das dificuldades encontradas, Alice não desistiu de seus objetivos, fez vestibular e ingressou no curso de História. Ela diz: “quando eu me formei na faculdade de História, meu pai ficou extremamente emocionado, ele falava: ‘Eu não acredito! Eu não acredito que a filha de um caminhoneiro se formou em uma faculdade’. Era uma coisa muito longe da nossa realidade”.

Outro ponto a se destacar é a presença e o apoio dos pais na formação de Alice, independente de não ter recursos financeiros para custear os estudos da filha eles sempre foram pais presentes, veja o que diz Alice:

Em contrapartida, eles sempre me apoiaram muito nas minhas escolhas e sempre lutaram para que eu pudesse estudar, mas o máximo que os meus pais imaginavam é que eu pudesse concluir, já que eles cursaram até o quinto ano, o que seria a quinta série, o mais longe que eu chegaria seria o quinto ano. E na cabeça do meu pai, eu cursar duas faculdades, uma já seria impossível, mas duas!? Nunca! E ao mesmo tempo em que eu “metia a cara” ele falava: - Então, então vai! Então vamos embora! E eles me apoiaram em absolutamente em tudo, tudo o que eles puderam, apoio moral, porque apoio financeiro eles não tinham como me dar. Apoio moral eu tive muito (Alice, 36 anos, professora, Linares/ES).

Esse apoio moral foi fundamental para persistir na busca de seus objetivos. Durante a entrevista, Alice relembra da presença cuidadosa da mãe nas noites de estudo com admiração, da dedicação e do carinho por ela ofertados:

Eram duas, três da manhã estudando, sei lá, escrevendo artigo, a minha mãe estava lá com uma caneca de chocolate quente no inverno para me ajudar a estudar, matar a fome e dizer “estou aqui, estou te fazendo companhia”. E são coisas muito singelas, mas que no “frigor dos ovos” faz toda a diferença. E isso foi para mim muito importante para que eu pudesse persistir. Trabalhar fora o dia inteiro no comércio e sair dali e ir direto para a faculdade não é mole! E sair da faculdade, chegar em casa morrendo de fome porque não tinha dinheiro para fazer lanche na faculdade, pois era caro. Ao chegar em casa às onze da noite, a minha mãe estava acordada com um prato de comida na mão me esperando e dizia: “eu sei que você está com fome”. Eu ficava acordada e, às vezes, virava à noite estudando e ela ali comigo, para mim essa era a forma de dizer: - olha, estou contigo! Então para mim foi de extrema importância, foi a minha mola no fundo do poço para dar impulso né. O apoio deles foi essencial para mim (Alice, 36 anos, professora, Linares/ES).

Já Leonora apresenta uma situação bem diferente de Alice, ela relembra durante a entrevista do tempo do vestibular que gostava de Português e História e não gostava de



cálculo. Diante disso, ela decidiu “fazer vestibular para Direito e Medicina Veterinária porque eu gostava também muito de animais. E eu passei nos dois. Passei numa faculdade particular de Campo Mourão e numa faculdade particular de Maringá”.

É relevante pontuar que a situação de Leonora é o oposto da de Alice, pois seus pais tinham condições de pagar um curso superior para a filha. Nesse momento, Leonora relembra da fala da mãe “o que é que você quer? Qual curso você quer fazer? Já o posicionamento do meu pai foi: ‘Você tem que fazer faculdade aqui em Campo Mourão! Porque as duas são pagas e aqui vai ser só a faculdade, seria menos gasto’”. Assim, ela decidiu cursar Direito: “essa foi a minha escolha, na família tem advogados também, já eram pessoas de quem eu gostava, eu já tinha um pouco de interesse na profissão”.

Maria Valéria em sua entrevista deixa claro a escolha profissional, a “paixão” por ser professora, denota uma mulher determinada no que diz, tal como se observa no trecho abaixo:

A gente é sempre influenciada, a gente sempre tem uma referência, alguém sempre nos ensina. O fato de você se empenhar, correr atrás, não significa que você é autodidata, sempre tem alguém que vai te ensinar, não é verdade? - Ah! Eu aprendi sozinha ou você assistiu a um tutorial ou alguém te ensinou? Primeiro eu tive um professor de Geografia que era maravilhoso, as aulas dele no Ensino Médio eram maravilhosas!! Então esse foi o “pontapé” inicial (Maria Valéria, 44 anos, professora, Umuarama/PR).

Assim, Maria Valéria inicia a sua trajetória escolhendo prestar o vestibular no curso de Direito: “eu queria ser juíza, olha só! [...] então eu fiz para Direito, não passei”. Diante disso, continuou tentando até a aprovação no vestibular para o curso de Geografia. No trecho a seguir, Maria Valéria conta com entusiasmo:

[...] eu amei a Geografia! Eu acho que ela é o caminho, ela possibilita a explicação da nossa realidade social [...]. Acho que ela é muito mal interpretada, mal trabalhada no ensino médio, na educação básica. Ela é uma ciência fantástica, maravilhosa, mas tive alguém que, de certa forma, me influenciou e também era uma primeira opção. Eu sempre quis ser professora e a Geografia me completa (Maria Valéria, 44 anos, professora, Umuarama/PR).

E acrescenta que se não tivesse cursado Geografia, teria feito outro curso de licenciatura. Para Maria Valéria, o mais importante era ser professora. Diante disso, enfatiza:

É porque realmente eu gosto, eu não sou uma professora frustrada, claro que eu “engrosso o coro” dos colegas que falam que a gente ganha mal, realmente, a gente não é respeitada, é desvalorizada, tudo isso, eu não discordo, mas eu não sou uma

pessoa que se pudesse voltar atrás eu escolheria outra coisa, não! Eu escolheria a docência, o magistério novamente (Maria Valéria, 44 anos, professora, Umuarama/PR).

Assim, percebemos a determinação de Maria Valéria quanto à escolha profissional e a valorização da Geografia, “uma ciência fantástica”, segundo as suas próprias palavras. Por sua vez, a entrevistada Lola menciona em seu depoimento a sua formação em Pedagogia e faz referência a diversos momentos da sua vida: “[...] eu sempre tive vontade de ser professora. Eu lembro que na época, quando eu era criança, isso sempre, tinha, comigo. Mas, com o passar dos anos, mudei esse pensamento, na realidade, a vontade era de me formar em psicologia, porém não consegui isso” (Lola, 40 anos, auxiliar de secretaria, Antônio Padro de Minas/MG).

Lola realizou o curso de Pedagogia, porém destaca que sente muito “[...] por não atuar na área que eu gostaria. É que a parte da Educação Infantil demanda demais da gente [...]. Eu tive um problema na coluna”. Por fim, Lola pontua “eu já dei aulas para o magistério durante seis meses, depois fui para a parte da biblioteca, fiquei lá um ano e quando surgem algumas aulas, eu pego. Isso me satisfaz tranquilamente”.

Quanto à escolha profissional, Bibiana evidencia a cobrança da família ao destacar que o papel a ser desempenhado deve ser de “sucesso profissional, mas não qualquer sucesso profissional, eu deveria ter uma posição, um papel de destaque, porque aquela ideia de que você é muito inteligente. Você tem que ter uma profissão que mostre o quão inteligente você é [...]”. A partir desse contexto, Bibiana passa a fazer pesquisas em guias de estudantes e começa a investigar como é a profissão de diplomata e as funções exercidas. Assim como as feiras de profissões que levam jovens recém saídos do ensino fundamental para visitação nas universidades, esses guias de consulta geralmente contribuem para gerar expectativas irreais acerca do cotidiano de cada profissão, como nota-se no seguinte trecho:

Toda uma fantasia na minha cabeça [...] primeiro é uma profissão extremamente diferente, nunca ninguém tinha ouvido falar, eu lembro que depois eu tinha ouvido na TV [...] um diplomata [...] li também que era uma profissão que demandava muita coisa, o que correspondia à expectativa familiar de que não poderia ser qualquer profissão (Bibiana, 34 anos, professora, Maringá/PR).

Esse imaginário criado em torno das carreiras diplomáticas levaram Bibiana a concluir precocemente que

é uma profissão que é mais do que uma demonstração de sucesso, que era algo assim mais fácil de demonstrar, era algo super diferente, era uma profissão quase inacessível, eu não conhecia ninguém ali na minha realidade. E eu já tinha certeza daquilo que eu queria (Bibiana, 34 anos, professora, Maringá/PR).

Na sua perspectiva, esse caminho profissional era “[...] uma oportunidade de sair da realidade que eu estava e a diplomacia é exatamente isso, você viaja, a ideia é que você viva viajando, mas não é assim que acontece na realidade, é um trabalho extremamente burocrático”.

Bibiana também descreve situações que a levaram a repensar de forma mais incisiva o seu destino profissional, como ter morado em Brasília e o contato com vários diplomatas, inclusive um ex-namorado, experiências que a fizeram, nas suas palavras, ter a “certeza que não era isso que eu queria”. Avaliando a sua própria trajetória, Bibiana observa que sua realidade na época não “dava aquilo que eu desejava enquanto construção de ser humano, que era sair dali, ter outras coisas, conhecer outras pessoas, não ficar naquele lugar e talvez reproduzir a minha mãe, a minha irmã, hoje eu vejo dessa forma”.

Na entrevista, Bibiana destaca que acabou atendendo o interesse da família e seguiu estudando, pois, diz ela, era o “que a minha família esperava”. Porém, por meio do Guia do Estudante continuou a pesquisar e constatou que os cursos que mais se aproximavam de sua personalidade e interesse pessoal “estava relacionado a Relações Públicas, era Direito, Ciências Sociais, e eu olhei e vi que aqui tinha Ciências Sociais, meus pais queriam que eu fizesse Direito, mas eu li sobre Ciências Sociais e vi que se encaixava melhor [...] tinha Ciência Política, Sociologia, Antropologia”.

A partir dessa percepção relacionada à escolha do curso superior, Bibiana também verificou a possibilidade de cursar Direito. Assim, optou por “Ciências Sociais” tendo em vista o interesse por “Ciência Política [...] essa foi a minha escolha e o Direito era para complementar e como eu tive um choque de realidade muito grande fazendo Ciências Sociais, então percebi que não conseguiria ser diplomata”.

É importante destacar que ao fim dessa jornada, Bibiana acabou cursando Direito, caminho que lhe acarretou uma grande frustração. “Os meus pais queriam que eu fizesse Direito, especialmente meu pai”, porém para ela foi uma decepção total do primeiro ao último ano: “eu não via a hora de acabar, só que eu via que eu não podia desistir. Hoje, eu vejo o quanto eu joguei dinheiro fora, mas conhecimento é conhecimento. Eu aprendi muita coisa, mas eu vejo por esse lado também”.

Já a situação de Silvia é bem diferente da de Bibiana, porém ambas sempre foram muito estudiosas. Silvia relata que sempre estudou em escola pública e tirava boas notas, e ao concluir o ensino médio, prestou “o primeiro vestibular para Ciências Biológicas numa faculdade particular de Campo Mourão”. Silvia destaca que na mesma época, sua irmã também resolveu fazer vestibular e foi aprovada em Matemática na Faculdade Estadual de Ciências e Letras de Campo Mourão (Fecilcam, atualmente Universidade Estadual do Paraná – Unespar). Com poucas condições financeiras, o pai de Silvia comunicou: “eu não vou poder pagar a mensalidade de Ciências Biológicas para você porque a sua irmã passou e embora seja uma faculdade pública vou ter que ajudar com o ônibus, com as despesas”, portanto: “[...] você vai ter que esperar um pouquinho mais”.

Naquele momento, Silvia viu os seus sonhos serem interrompidos. Para ela,

[...] o mundo caiu, porque eu já queria sair do ensino médio e ir para a faculdade. E aí falei: - Nossa! E agora? E aí foi quando comecei a trabalhar na Assistência Social em Nova Cantú, conheci a assistente social e ela falou como era o curso e a profissão. Realizei várias leituras e iniciei o curso de Assistência Social à distância, ganhava um salário mínimo, mas enfim, dava para pagar a mensalidade, não tinha outras despesas, pois morava na casa dos meus pais. A Geografia veio depois de dois anos porque eu tinha aquela sensação de: “não, eu quero ir para a faculdade, universidade, eu quero sentir a emoção de ver os professores, o contato com o mundo acadêmico de fazer colegas na faculdade”. E dos cursos que a Fecilcam ofertava, a Geografia era o que eu gostava mais. Aí eu prestei, fiquei na segunda chamada. Eu entrei, foi maravilhoso, aproveitei demais (Silvia, 30 anos, assistente social, Cascavel/PR).

Porém, apesar do esforço de Silvia em cursar Serviço Social e Geografia, ela pontua que “o desejo mesmo, se eu pudesse ter escolhido e se meu pai tivesse condição era Ciências Biológicas, eu gostava muito, mas era uma forma de amenizar o curso que eu realmente queria que era o curso de Farmácia” – e finaliza dizendo “e aí a gente foi fazendo o que dava”. A situação de Silvia é o retrato de muitas mulheres brasileiras que têm os seus sonhos interrompidos por não ter condições financeiras de custear um curso superior de acordo com os seus interesses pessoais.

Por sua vez, a entrevistada Ana Terra foi influenciada majoritariamente pelas ideias de seu pai, cuja fala relembra durante a entrevista: “[...] então eu preciso dar a elas uma profissão que não dependa nem do marido nem da lavoura [...]. Naquela época não tinha o querer ou o não querer, se o pai falasse, a mãe falasse a gente nem olhava atravessado né? Nós não sabíamos dizer não, o não, não existia para o pai e para a mãe”.

Da mesma maneira que Ana Terra fala sobre “o querer ou não querer” das filhas, a



personagem Clarissa também demonstra ter em “Um Lugar ao Sol” uma margem de escolha limitada. Ela também morava em um sítio e foi mandada para a cidade de Porto Alegre para estudar e se tornar professora, ou seja, não era sua opção ir ou não para Porto Alegre, era desejo dos pais que ela fosse. E como muitas meninas de sua época, Clarissa não possuía liberdade, como podemos notar no seguinte trecho: “Uma menina do sítio que veio estudar na capital” (VERISSIMO, 2005, p. 36).

Ana Terra recorda que “morava no sítio e estudou na Escola Rural, depois, da quinta a oitava série e ensino médio eu fui para Mandaguaçu, não era muito perto, mas tinha ônibus, pegava a gente e levava. E aí eu fiz magistério, foi meu pai quem colocou a gente no magistério, vocês vão ser professoras”.

A mãe de Ana Terra, por sua vez, tinha objetivos diferentes daqueles propostos pelo pai para as próprias filhas. Ana Terra deu o seguinte depoimento: “minha mãe queria que nós aprendêssemos crochê, a costurar, a limpar a casa. Então eu e minhas irmãs ficamos fazendo as duas coisas, estudando e aprendendo a ser donas de casa. Porque se você estuda, como se dizia antigamente: ‘você pega umas aulinhas e ajuda o marido em casa’. Porém, ‘você consegue ajudar seu marido em casa, só que você tem que saber cozinhar, limpar a casa, a costurar”.

A entrevistada conta que terminou o magistério e foi de Mandaguaçu para Maringá, no Paraná, onde iniciou o curso de graduação: “fiz o curso que dava para fazer, não dava para eu tentar um curso muito concorrido, fui lá peguei o curso que eu conseguia passar, por isso eu fiz Física. Deu certo porque você começa a estudar e começa a gostar do que você faz”. Para ela, a dificuldade financeira impediu de continuar fazendo cursinho pré-vestibular e assim fez um vestibular para um curso pouco concorrido.

Ao final da entrevista, Ana Terra conta que também chegou a fazer o curso de Direito, “mas só por fazer, eu não quis atuar em mais nada. Sou feliz como professora, gosto de dar aulas, gosto muito de orientar, de trabalhar com pesquisa, mesmo sendo aquela pesquisa que a gente não está no laboratório, mas a gente entra em contato com professores e instituições” e desenvolve “[...] temos muita dificuldade em desenvolver pesquisa em nosso país”.

Nos discursos apresentados acima, observamos entre as entrevistadas algumas semelhanças nos fatores que as levaram a seguir determinados rumos profissionais – a exemplo das dificuldades financeiras, que as impediram de fazer as escolhas que desejavam; e a influência direta de familiares, professoras(es) e outras pessoas ligadas a cada uma delas.

Destacamos também o discurso de algumas de nossas entrevistadas sobre o apoio familiar aos seus sonhos e desejos profissionais. Seja ele financeiro ou moral, esse incentivo foi um aspecto reforçado nas falas de Alice, de Ana Terra e Sílvia. Da mesma forma que houve apoio por parte da família, seja financeiro/moral ou ambos, uma das entrevistadas relatou que saiu de casa para poder ter sua independência financeira para estudar, sem poder contar com o apoio dos pais em momento algum.

Do mesmo modo, a personagem fictícia Clarissa enfrenta os desafios de se ver à frente de uma classe de alunos, de ter pouca experiência e ter que se posicionar como profissional. Fato observado no seguinte trecho: “D. Ermelinda, a diretora do Elementar, continua implicante. Hoje ela me disse com a sua voz seca ‘Clarissa, precisas fazer umas preleções cívicas para os seus alunos [...]’” (VERISSIMO, 1994, p. 115). Associados aos desafios da profissão, tal como exposto na fala de Clarissa, estão os desafios enfrentados por Maria Valéria, Alice e Bibiana. Principalmente as que trabalham em instituições privadas, elas relatam que há uma cobrança constante não apenas sobre o conteúdo que é dado aos alunos, mas também na forma em que ele é trabalhado em sala de aula.

Na avaliação de Bibiana, existe muita diferença entre a instituição privada e a instituição pública: “[...] ano passado comecei a trabalhar em uma universidade privada e depois, em agosto eu passei num concurso para temporário para uma universidade pública. Estou levando as duas juntas agora [...]”. Porém, em ambas as universidades “existe uma coordenação e um departamento, mas existe uma diferença enorme entre a instituição privada e a pública”.

De acordo com Bibiana,

Na empresa privada em que trabalho existe uma subordinação enorme, você tem que prestar conta de tudo o que é feito, e a demanda é extremamente alta para os professores. E, você não tem liberdade de atuação, de ser professor ali. Eles têm um padrão que deve ser seguido. Eu dou aulas no EAD e no presencial, porém tenho que enviar todos os planos de aula, as aulas são gravadas, passam por curadoria, os slides também passam por curadoria, existem regras implícitas, como por exemplo: existem termos que não podemos usar em aulas, mas eu sou afrontosa, eu uso mesmo (Blimunda, 21 anos, estudante de filosofia, São Paulo/SP).

Durante a entrevista de Bibiana, algo chamou atenção, dando uma conotação de censura sobre determinados conteúdos a serem ministrados pela professora. Vejamos o que ela diz:

Termos como gênero, por exemplo, eles pedem ao máximo para não usar, porque os alunos reclamam, dependendo do curso que você está dando aula, de alguma colocação sua [...] se você for falar de minorias, negros, mulheres indígenas, LGBTQ+, nossa! Se você falar de LGBTQIA+, aí o que acontece [...] o nosso coordenador é subordinado ao que eles chamam de RED, e aí chega esse RED e cobra o coordenador (Blimunda, 21 anos, estudante de filosofia, São Paulo/SP).

Porém, Bibiana destaca a sua situação no trabalho quando atua em disciplinas nos cursos ligados à Sociologia, por exemplo. A Ciência Social, neste caso, torna muito difícil essa negociação dadas as especificidades dos conteúdos trabalhados em sala, conforme afirma no seguinte trecho:

[...] o coordenador tem que fazer uma justificativa para falar da liberdade que os professores ligados aos cursos de Ciências Sociais, que são termos que fazem parte do conteúdo, então às vezes os slides voltam ou então eles corrigem, assim tiram algumas coisas, e como tudo fica gravado, você se sente muito restrita mesmo, sabe? Parece uma vigilância, às vezes passo uma atividade e meu coordenador vai lá e muda totalmente a atividade sem ao menos me consultar, foi o que aconteceu no semestre passado, eu fiz uma atividade para os alunos e simplesmente ele mudou (Blimunda, 21 anos, estudante de filosofia, São Paulo/SP).

Nesse ponto, Bibiana também expõe suas experiências e vivências em uma instituição pública, destacando as disparidades existentes entre a pública e a privada nos seguintes termos:

Na universidade pública é uma paz trabalhar em relação à censura que sofro na empresa privada, é muito desconfortável. É de maneira muito implícita, mas é de maneira muito forte aquela ideia de que se você não se adéqua porque tem quarenta querendo seu lugar. E eu não lido muito bem com isso. É complicado porque às vezes eu sinto que estou ali e não estou fazendo meu trabalho, que é instigar, refletir, fazer meus alunos pensarem sobre determinados temas, mas mesmo assim, eu procuro falar o que eu acredito, eu me posiciono. Agora, algo que não pode ser falado lá é sobre política partidária. Eu sinto que não estou fazendo meu trabalho, às vezes eu não sinto essa liberdade de atuação, eu tento fazer o máximo que eu posso, pegando disciplinas que eu posso falar sobre isso, faço questão de falar, trazer exemplos, de usar esses termos (Blimunda, 21 anos, estudante de filosofia, São Paulo/SP).

A entrevistada Alice também traz em seu depoimento sua opinião sobre o trabalho em instituição pública e privada: “dei aulas na rede particular e no Estado. E mesmo eu tendo um cargo efetivo no Estado e tanto na rede particular nós somos subordinados, existe uma predeterminação do conteúdo que será trabalhado, dos livros didáticos, os conteúdos pré-estabelecidos”. Diante disso, Alice conduz o conteúdo de forma neutra “não posso pregar



aquilo que eu acredito, mas posso fazer com que o aluno encontre a sua forma de pensar [...] a responsabilidade social, o lugar que ele ocupa na sociedade, o poder transformador que ele tem no meio em que vive”.

Alice é formada em História e afirma que “de alguma forma eu sou subordinada aquilo que me é determinado, àquela grade curricular, mas mesmo diante dessa grade, a gente tende a estabelecer essa construção do ponto de vista”. Porém, na disciplina de História, procura-se compreender os fatos de forma crítica, despertando o conhecimento e a criticidade do conteúdo ministrado: “vamos construindo esse conteúdo juntos, porém não posso interferir em sua construção, mesmo que o ponto de vista dele não me agrade, eu preciso respeitar”.

De acordo com Maria Valéria, que trabalha em uma instituição pública: “temos um colegiado, não é mais um departamento, é um colegiado onde nós escolhemos o coordenador e ele está à frente e nos representa, mas estou subordinada ao Governador do Estado do Paraná, mesmo eu sendo estatutária”.

Segundo Ana Terra na instituição pública, ela tem “total autonomia para trabalhar dentro do colegiado. Claro que tudo é partilhado, dividido, mas não me sinto cerceada em nada na minha forma de conduzir as aulas e os projetos”.

Durante a entrevista, Ana Terra também fala sobre a instituição privada em que trabalhou. Segundo ela, “na instituição privada é um pouco diferente [...] a cobrança é maior, temos os coordenadores, pedagogos, orientadores, diretores e mantenedores da instituição privada [...] temos uma hierarquia maior e também muita cobrança”. Porém, “nunca senti uma influência direta, cerceamento, nunca tive problemas, nem assédio”.

Sobre os desafios, as dificuldades que essas mulheres enfrentam em seus trabalhos, podemos destacar que há por parte de Ana Terra, já citada anteriormente, a dificuldade em se fazer pesquisa em nosso país. E apesar de toda dificuldade, ela procura fazer com que seus alunos e orientandos caminhem, pois ela, assim como Clarissa, exerce o papel de professora com maestria e gosta do que faz. O mesmo diz Maria Valéria sobre ser professora, sobre o ato de ensinar. Por sua vez, Alice nos aponta a necessidade de fazer com que os alunos tenham um pensamento crítico, mesmo que eles pensem de maneira diferente dela, que sejam cidadãos conscientes. Bibiana, professora universitária de uma instituição privada e também de uma pública, aponta-nos as dificuldades de se trabalhar em uma universidade privada, porque além da demanda de atividades para os professores ser alta, há outras questões relativas ao trabalho que, de certa forma, a impedem de desempenhar de forma completa o seu

papel de professora, que é fazer com que os alunos reflitam, sejam incentivados a pensar.

De um modo geral, entendemos que todas elas, apesar de algumas terem autonomia no modo como trabalham, estão subordinadas a alguém ou algum órgão acima delas, assim como Clarissa é subordinada à diretora da escola em que trabalha. Da mesma maneira que temos entrevistadas parecidas com Clarissa no que tange à profissão que escolheram, temos mulheres que possuem outras carreiras, que trabalham autonomamente, que enfrentam problemas e inúmeros outros desafios em suas profissões. É o caso de Leonora que é advogada, e Helga, estudante de Engenharia Florestal, que ainda não trabalha, mas enfrenta desafios e problemas nas aulas da universidade em que estuda, principalmente em aulas que exigem a prática.

Segundo Helga, a sua área de atuação “[...] é predominantemente masculina, tem professores que acreditam que não damos conta de realizar determinadas atividades, duvidam de nossa capacidade e querem colocar homens para fazer, e, muitas vezes, nós damos muito mais conta do que os alunos” (Helga, 23 anos, engenheira florestal, Nestor Gomes/ES).

Seguindo a mesma linha de raciocínio de Helga, a entrevistada Leonora evidencia: “[...] o que é difícil de separar é no trabalho, eu vi muita diferença entre o advogado homem e a advogada mulher. Tanto do patrão para os funcionários quanto dos próprios funcionários”. Leonora deixa claro essa diferença em sua entrevista, “por exemplo sempre que tinha uma diligência para fazer fora do escritório: ‘Ah, manda um advogado homem’, como se ele fosse dar conta porque a advogada mulher não vai dar conta do problema”.

Outra argumentação de Leonora refere-se ao trabalho: “no escritório eu senti muita diferença entre advogado homem e advogada mulher. Eu brigo pelos direitos iguais. É pela experiência mesmo”. Ela relembra do tempo em que era acadêmica de graduação em Direito: “os professores viam, falavam que as turmas estavam mudando, tem uma predominância de mulheres no Direito, mas eu não percebia muito”. Porém, Leonora deixa claro na sua entrevista algo já mencionado por Helga quanto aos homens na profissão, ou seja, uma valorização em detrimento à mulher: “passei a perceber essa diferença, a discriminação quando comecei a trabalhar, e se o advogado for mais velho, é mais valorizado que a advogada e se for nova então. É muito triste perceber as diferenças e eu vi isso quando comecei a trabalhar”.

Nessa categoria apresentada, buscamos trazer o olhar das mulheres para o mundo do trabalho, o que as levou exercer a profissão que possuem, o que as influenciou a seguir a



carreira que seguem hoje. Isso é perceptível no discurso de cada uma delas, a relevância do estudo, do trabalho para o desenvolvimento pessoal e profissional. De acordo com Silveira e Fleck (2017), o fato é que a presença das mulheres no mercado de trabalho vem aumentando no decorrer dos anos, principalmente a partir do fim do século XX e início do século XXI, mudança proporcionada pelo Movimento Feminista, principalmente o movimento que ocorreu nos anos 1970.

Além disso, é óbvio que as mulheres têm buscado cada vez mais aprofundar sua dedicação aos estudos de modo a obter a melhor capacitação possível, qualificação que as destaca positivamente. Para Silveira e Fleck (2017, p. 07) “as mulheres modernas estão buscando [...] seu reconhecimento profissional e pessoal [...] sua independência financeira, não apenas para mostrar ao outro sua capacidade, mas também para reafirmar que a diferença de gênero não qualifica um como melhor que o outro”.

Apesar de as mulheres encontrarem obstáculos em suas vidas profissionais, o fato é que elas quebram as mais diversas barreiras para serem reconhecidas profissionalmente e, ainda assim, é preciso demonstrar o tempo todo o quão capazes são para desenvolver as mais diversas atividades. Foi o que nos pontuou Maria Valéria quando começou a lecionar na universidade pública:

Quando eu entrei para dar aulas, era muito jovem e fui dar aulas para “marmanjo”. E a primeira turma que abrimos de Engenharia tinha inclusive alunos mais velhos que eu. E para fazer os outros terem respeito primeiro é preciso respeitar. E sempre fui de respeitar muito meus alunos, só que nunca fui muito de “mostrar os dentes”. Até hoje, quando entro na sala de aula, é para dar aulas. E só na instituição pública que eu trabalho, eu tenho 23 anos. E agora, depois de muitos anos, eu consigo porque eu tenho o respeito dos estudantes, os alunos já entram na sala sabendo que aquela professora é assim, que se chegar atrasado, não vai entrar. Eles já sabem das minhas regras. E graças a Deus eu não recebo nenhuma crítica por ser assim (Maria Valéria, 44 anos, professora, Umuarama/PR).

Dessa forma, as mulheres como Ana Terra e Maria Valéria, Bibiana e Alice se posicionam da mesma maneira quando se trata da profissão: todas afirmam que ser professora é algo que proporciona grande satisfação e realização pessoal, ainda que discordem em alguns aspectos, principalmente na questão do ensino da universidade privada. Já Leonora que advoga, percebe que hoje trabalhando para si é mais feliz e consegue realizar suas tarefas com mais agilidade, apesar de perceber que na profissão que ela escolheu seguir existe discriminação e dificuldades em desempenhar algumas funções que são dadas preferencialmente aos homens. As escolhas profissionais dessas mulheres deram a elas a

Página 24 de 27

DOI: <https://doi.org/10.56579/rei.v6i3.1081>

possibilidade de percorrer um caminho que mulheres de sua família não conseguiram em suas respectivas épocas.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

As transformações sociais, econômicas e culturais vivenciadas pelas mulheres possibilitaram diferentes olhares, principalmente no que tange às escolhas profissionais, à atuação no campo de trabalho ao qual elas se dedicam. Sejam elas participantes da pesquisa ou personagens idealizadas na Literatura, as mudanças fizeram com que a vida dessas mulheres pudesse ter uma multiplicidade de olhares sobre suas experiências e vivências.

Embora existam diferenças entre as mulheres idealizadas e as participantes da pesquisa, os processos pelos quais as mulheres passaram foram semelhantes, como foi possível comprovar por meio das personagens Clarissa e Fernanda do romance “Um Lugar ao Sol” (1963) em que essas mulheres carregam consigo traços das mulheres entrevistadas que passam por situações semelhantes, mas não podem ser tratadas como cópias das mulheres. As situações de submissão e inferioridade pelas quais a mãe de Clarissa passa em algumas passagens aqui apresentadas são o exemplo de como a realidade pode ser utilizada pela ficção.

Por outro lado, foi possível observar as limitações que não permitiam as mulheres de participarem da vida pública, fatos como considerar as mulheres seres desvirtuados da incapacidade de pensar, principalmente se o assunto estivesse relacionado a temática como a política e a sexualidade. Diante disso, era explícito o papel destinado à mulher: cuidar da casa, dos filhos e do marido. Assim sendo, destaca-se a existência das relações de dominação, as quais evidenciam os lugares ocupados por homens e mulheres dentro da sociedade.

As transformações, principalmente as voltadas para a educação, deram às mulheres a possibilidade de trabalhar, de desempenhar papéis e ocupar lugares que até então apenas homens ocupavam, e o magistério foi a profissão que concedeu às mulheres a possibilidade de transitar entre os lugares públicos e privado. Portanto, foi por meio das experiências profissionais e da emancipação que o trabalho concedeu às mulheres a participação de forma mais efetiva na sociedade.

Ao analisar os relatos obtidos nesta pesquisa, constatamos que as escolhas profissionais bem como as atuações das entrevistadas em seus campos de trabalho, sugerem que a opção pela docência perpassa os mais variados motivos. Estes vão desde a viabilidade naquele momento da vida; outras porque a carreira que escolheram não atendia plenamente o



que desejavam e tinham a docência como a segunda opção; outras a escolheram por afinidade; já algumas entrevistadas, como Laurinda que é advogada optou por essa carreira por ter familiares que atuam nessa área; ou ainda Helga, que é graduanda em engenharia florestal e sempre soube o que gostaria de ser.

Assim sendo, as mulheres participantes da pesquisa trabalham e se mantêm, auxiliam também na manutenção das contas da casa, elas lutam para serem independentes. Elas compreendem que não é apenas a escolaridade que leva à liberdade, mas auxilia na construção do conhecimento que, por sua vez, leva à liberdade. Em relação ao trabalho, as mulheres dizem que ele traz a independência financeira, logo é possível afirmar que o trabalho está relacionado à emancipação e com a transformação social porque é por meio dele que a mulher passa a vivenciar e a participar de outros contextos sociais.

O fato é que todas as transformações sociais e econômicas propiciaram às mulheres desempenharem papéis que até então eram ocupados apenas por homens, como também possibilitaram que elas escolhessem a profissão e nela atuassem, viabilizando, assim, caminhos para tantas outras mulheres que ainda não tiveram as mesmas oportunidades, principalmente as mulheres negras, que por mais que tenham trabalhado, ainda não possuem as mesmas oportunidades.

## REFERÊNCIAS

- AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. Pólen Produção Editorial LTDA, 2019.
- BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2014.
- BOURDIEU, Pierre. **A Dominação masculina**. Trad. Maria Helena Kuhner. Rio de Janeiro: Bertand Brasil. 2012.
- COSTA, Ana Alice Alcantara. O movimento feminista no Brasil: dinâmicas de uma intervenção política. **Revista Gênero**, v. 5, n. 2, p. 1-20, 2005. Disponível em: <https://periodicos.uff.br/revistagenero/article/view/31137>. Acesso em: 29 dez. 2022.
- D'Incão, Maria Ângela. Mulher e Família. Burguesa. In: **História das Mulheres no Brasil**. Mari Del Priori (org.). São Paulo: Contexto, 2004.
- DEL PRIORI, Mary. **História das mulheres no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2004.
- KANTORSKI, Evelin Leite. **A mulher e a cidade**: as representações femininas nos romances de Erico Verissimo nas décadas de 1930. 2011. Tese (Doutorado em Teoria Literária). Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2011.

LOURO, Guacira Lopes. Mulheres na sala de aula. In: **História das mulheres no Brasil**. Mary Del Priori (org.). São Paulo: Contexto, 2004.

LOURO, Guacira Lopes. **Gênero, sexualidade e educação**: uma perspectiva pós-estruturalista. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.

PERROT, MICHELLE. **As mulheres ou os silêncios da História**. Tradução de Viviane Ribeiro. Bauru, São Paulo: EDUSC, 1998.

SILVA, Simone Costa. Mulher, mãe, trabalhadora, cidadã...: condição feminina nas três primeiras décadas do século XX. **Revista Paraibana de História**, ano 1, p. 20-39, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufpb.br/index.php/rph/article/view/23811/13073>. Acesso em: 29 dez. 2022.

RAGO, Margareth. **Do cabaré ao lar**: a utopia da cidade disciplinar. Rio de Janeiro: Paz e terra, 1985, p. 27-31.

RAGO, Margareth. Práticas feministas em novos modos de subjetivação. **Revista Maracanan**, v. 4, n. 4, p. 13-45, 2008. Disponível em: <https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/maracanan/article/view/12946>. Acesso em: 29 dez. 2022.

SILVA, Carmen Silvia Maria da; CAMURÇA, Sílvia. **Feminismo e movimentos de mulheres**. Recife: SOS Corpo – Instituto Feminista para a Democracia, 2013.

SILVEIRA, Joseanne Corrêa; FLECK, Carolina Freddo. **Forte como... uma mulher**: uma análise dos desafios enfrentados pelas mulheres no mercado de trabalho. 2017. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Administração). Universidade Federal do Pampa, Santana do Livramento, 2017.

VERISSIMO, Erico. **Um Lugar ao Sol**. Porto Alegre: Editora Globo, 1963.

VERISSIMO, Erico. **Música ao Longe**. Porto Alegre: Editora Globo, 1994.

VERISSIMO, Erico. **Clarissa**. Porto Alegre: Editora Globo, 1995.